

ou mais.— Ás mencionadas palavras *alcaria* (e *alcarial*), de procedencia arabica, e *castelo* (e *castro*), de procedencia romana, as quais se referem a povoados, póde acrescentar-se *briga*, de procedencia celtica, na acepção de «oppidum», «arx», a qual se encontra na mesma região em *Miróbriga*, como quem dissesse «fortaleza do (rio) Mira»¹. Uma serie de quadros historicos!

*

Por estes sitios do Baixo-Alentejo ha muitas casas que não são caídas, o que faz lembrar o Norte de Portugal e a Beira.

Já se sabe que quando nós chegavamos a algum dos lugarejos de que tenho falado, ou a *montes*² remotos, toda a gente se agrupava á volta de nós, espantada. Uns cuidavam que andavamos em busca de tesouros escondidos, outros que eramos agentes do fisco; e por este último motivo um pobre azeiteiro, que negociava com contrabando, não ganhou para o susto, em certa ocasião que de longe nos lobrigou: e não teve outro remedio senão fugir a bom fugir!

J. L. DE V.

Memórias sóbre o concelho do Sabugal

(Continuação d-O Arch. Port., xxvii, 214)

Alguns meses depois de impresso o último artigo relativo ao Sabugal indo a esta vila, conseguimos encontrar ainda, e em bom estado, a pedra de armas cujo desenho me desaparecera e da qual de memória fiz um tóscó desenho, temendo que não mais apparecesse tal pedra, que tem certo valor arqueológico.

Dela obtivemos uma fotografia, tirada pelo hábil fotógrafo do Sabugal S.^{or} Correia. Tinha falecido o antigo dono do quintal, e este ficou pertencendo ao filho Francisco Póvoas, que obsequiosamente nos acompanhou ao local onde a célebre pedra estava abandonada, sendo levantada por três robustos vizinhos dele e colocada de modo que se conseguiu uma fotografia nítida (fig. junta).

¹ Cf. *Religiões*, II, 236, nota.

² No sentido alentejano («casa de herdade»: vid. supra); e também no de «povoação pequena».

O falecido Joaquim José das Póvoas dizia ter sempre ouvido afirmar que representava as armas do Sabugal a pedra guardada por ele tam carinhosamente, em vez de a ter destruído a camartelo.

Se representa ou não as armas do velho burgo, conforme a tradição constante no Sabugal, é caso que não vamos averiguar, porque não temos competência para isso, e muito especialmente depois do doutíssimo e sábio parecer emitido pela Associação dos Arqueólogos em 1926, que transcrevemos d'*A Voz*, de 3 de Abril dêsse ano, com a devida vénia: «Vilhena Barbosa no volume III da sua obra *As Cidades e vilas da Monarquia Portuguesa que teem brazão de armas*, apresenta-nos as armas do Sabugal com um arbusto que não dá ideia de um sabugueiro, tendo à esquerda uma chave que diz ser alusão ao antigo castelo que defendia a vila.

Que o sabugueiro exista nas armas, como peça falante, está muito

bem, já pela grande quantidade dêstes arbustos que existem ou existiram por essa região, já porque é dêsses arbustos que deriva o nome da localidade. Mas que a chave represente o castelo, é que não está bem. Um castelo é sempre representado por um castelo, que por todos os princípios deve figurar nas armas do Sabugal.

A chave tem outra significação muito mais importante.

O castelo da vila do Sabugal não era para defesa local; a sua missão era muito superior; êste castelo foi construído para defesa



Pedra de armas da vila do Sabugal

da fronteira e portanto para ajudar a defender Portugal de qualquer invasão.

As chaves são emblemas do poder e indicam nas armas de domínio a guarda e defesa das fronteiras.

É portanto absolutamente indispensável que nas armas do Sabugal existam chaves, mas no chefe das armas, que é o lugar mais honroso do campo». Discordando do *Portugal*, Dicionário histórico, conclui que «o campo das armas do Sabugal deve, pois, ser vermelho (e não azul) por todos os motivos».

Portanto, em face das razões expostas, as armas da vila do Sabugal devem ser assim organizadas:

De vermelho, com um castelo de prata, acompanhado de dois sabugueiros de verde, floridos de prata, tudo sobre um terrado de verde, cortado por um rio ondado de prata e aguado de azul. Em chefe duas chaves de ouro dispostas em aspa. Coroa mural de prata de quatro tórres. Bandeira branca com uma fita bordada a negro com os dizeres *Vila do Sabugal*».

O articulista d'*A Voz* terminava o artigo, a respeito das armas, dizendo que, em vista da douta opinião transcrita: «vão ser reformadas as armas do Sabugal, que assim ficarão sendo a representação histórica e tradicional desta importante vila da Beira Baixa».

Pelas razões que expusemos não queremos fazer comentários e apenas diremos que o aparecimento da pedra referida alguma luz deve dar para o esclarecimento do caso das armas do Sabugal. Esta fortaleza, distante da Espanha uns 15 quilómetros pouco mais ou menos, não consta que se notabilizasse por quaisquer feitos heróicos das suas guarnições em defesa da fronteira.

O facto mais notável de que há memória é o da viúva de Pedro de Albuquerque, D. Catarina, haver feito entrega do castelo só quando soube que D. João II ia pessoalmente cercá-lo e que chegara a Castelo Branco.

Houve um feito notável, perto da vila do Sabugal, a pouco mais de mil metros a sudeste da vila em 3 de Abril de 1811. Foi o

Combate do Gravato

Desencadeou-se este combate numa planície povoada de castanheiros e carvalhos seculares e numa encosta da margem direita do rio Coa, junto do vale da Pimenteira.

Do alto do Gravato domina-se a vila e a fortaleza e um vasto e bellissimo horizonte com a Serra da Estrêla mais ou menos velado pelos castanheiros seculares que abundam nas encostas, cujas cavi-

dades serviram de reduto a muitos valentes e de tumba aos que ali caíram combatendo.

Um corpo do exército francês do comando do príncipe de Essling, grande Massena, que tirara o comando ao marechal Ney, retirando da Guarda perseguido pelo exército anglo-luso, dirigiu-se para os lados do Sabugal, acampando parte dêle no Gravato e estendendo-se pela planície, assinalando-se a sua passagem na vila pelos incêndios e rapinas, e por actos que a pena se recusa a escrever, sem ter havido a menor resistência na vila por isso ter sido impossível.

Parte do exército anglo-luso chegara ao alto de João Mourão, margem esquerda do Coa, observando a posição do inimigo, acampado na outra margem, no sítio do Gravato.

Partiu a ala esquerda da divisão ligeira em direcção ao sítio denominado o *Serralheiro*, onde com dificuldade atravessou o rio, subindo em seguida o monte ou, melhor, outeiro Januário, a grande custo, já pela espessura do mato já por haver um denso nevoeiro.

Ouviu-se do alto do João Mourão, um quilómetro distante, um tiro de peça. Entretanto a ala esquerda da divisão ligeira rompeu fogo contra os franceses, postados no alto do Gravato.

Continuou a artilharia varejando o Gravato, mas a brigada Beckwith e o resto da vanguarda dos nossos teria sido rechassada se não viessem em auxílio as brigadas Picton, Colville e Dunlop.

Em pouco tempo estava o campo juncado de mortos e feridos, dum e doutro lado.

Até a artilharia dos aliados causou grandes perdas e destroços nestes, porque o nevoeiro era tam denso que não fôra fácil distinguí-los do inimigo.

O terreno da encosta é acidentado e era coberto de carvalhos e por isso a subida foi custosa. Foi o que colhemos, ouvindo pessoas antigas, que ouviram aos pais e avós e relacionando tudo com o que lêmos em vários livros.

N-A *Leitura*, pode ver-se a descrição do combate, feita pelo illustre militar e distinto escritor Fernandes Costa, que, com vénia, transcrevemos:

«Mal haviam chegado ao cimo do outeiro, dispersos e ofegantes, os homens do 95 de linha, quando um corpo francez, avultado, compacto e forte precipitando-se sobre eles, os atirou pela encosta abaixo, sobre o quarenta e tres, que a seu turno ia subindo. Os franceses tinham sido quasi tomados de surpresa, pois a espessura e escuridão do nevoeiro não lhes deixava distinguir o avançar do inimigo.

Este tambem não podia saber contra que forças se dirigia. Porem nesse momento a manhã principiava a aclarar, e uns e outros começavam a reconhecer a posição reciproca.

Beckwith viu, num relance, todo o perigo; mas o seu coração era animoso, era o de um soldado duro, que não trepida. Official até ali confiado no seu papel subalterno, apresentava-se-lhe agora ensejo de mostrar quanto valia.

Sustem num impeto os seus homens repellidos; faz com que eles volvam de novo a face ao inimigo e evita, a tempo, que os tome o pavor e que não lancem a desordem no regimento intacto, sobre o qual estavam a ponto de cair. Ordena a carga á baioneta e é tão activa a sua presença, tão communicativo o seu ardor que os franceses passam num instante de perseguidores a fugitivos e ele consegue coroar com toda a sua gente o cimo da colina. Mas dois obuzes franceses, incançaveis, tem, durante este tempo, vomitado um chuveiro de metralha, sobre os soldados de Bekwith, e nada ha que os cale, pois continuavam arrojando, em golfadas de chamas, a morte que vem dizimar os infantes do quarenta e tres e do noventa e cinco.

Ao mesmo tempo forças numerosas saem do grosso do exercito, dirigindo-se dum e doutro lado contra os flancos dos atacantes.

Por nossa fortuna, Reynier, que estava confiado em que não o atacariam, tinha colocado o seu corpo principal, por conveniencia da proximidade da agua, nas terras baixas, junto á vertente oposta da montanha em que a acção começara.

Deste módo não tinha sob mão, immediatamente, forças suficientes, como noutro caso lhe seria facil ter e que sem discussão possivel nos esmagariam.

Vinham elas, porem, subindo já a ladeira contraria á do ataque, procurando atingir o pequeno planalto, onde a infantaria inglesa se estendia, e avançavam em grita clamorosa, disparando os seus mosquetes, numa confusão atroadora, como a de um grande furacão, que se avezinha.

Era evidentissimo para Bekwith, e para todos os que ali o acompanhavam, que só uma lucta desesperada poderia salva-los da destruição irremediavel, que neste momento todas as circunstancias lhe prometiam. Hopkins, simples capitão, outro valente, comandando a companhia do flanco direito do regimento quarenta e tres, correu com ela para uma pequena eminencia, que desse lado se descobria, e com admiravel sangue frio a occupou. Ficavam-lhe proximos os dois infatigaveis obuzes; mas a posição dominava a ladeira

por onde as tropas francesas, destinadas a tornearem o flanco direito da infantaria atacante, agóra subiam. Aproveitando-a, sem perda de tempo, dirige sobre os assaltantes tão serrado fogo de fusilaria, que estes perdem imensa gente e retrocedem em confusão; os seus oficiais tornam a reuni-los, avançam de novo, mas novamente os desordenam e dispersam as descargas incessantes, que lhes chovem de cima. Terceira vez, ainda conseguem formar nova frente de ataque; então Hopkins, carregando em massa sobre eles, com toda a sua gente, esmaga-os debaixo do peso e debaixo do fogo, pondo-os por fim em debandada formal. Neste momento, atraídos pelo som das descargas, entraram na linha inglesa, trazendo reforço a Bekwith, dois batalhões do regimento cincoenta e dois de linha. Mas o centro e a esquerda do quarenta e tres não sabiam, então, nem quem chegava, nem o que perto se estava passando. Empenhados na lucta com indescriptivel excitação, viam á sua frente o coronel Bekwith, ferido na cabeça, com o sangue correndo em ondas pela cara, penetrando a cavalo no mais denso das fileiras, onde as balas caíam mais profusas, com o rosto prasenteiro por baixo do sangue vivo que o inundava, dirigindo a todos, satisfeito, alegre, imperturbavel na sua serenidade heroica, exclamações de estímulo, palavras quentes de louvor.

Cada vez era mais espesso o chuvaire das balas inimigas; cada vez sibilavam mais proximas, e o combate assumira toda a intensidade possivel do perigo.

Os franceses, porem, foram mais uma vez repellidos, e uma nova carga de baionetas limpou de novo todo o planalto do outeiro. O quarenta e tres de linha conseguira tomar um dos obuzes, e já até mesmo algumas avançadas dele se atreviam a descer a outra encosta sobre o inimigo, que retirava, quando numerosas forças de cavalaria, avançando, a galópe, de todos os lados os obrigavam a retroceder e a procurar rapidamente abrigo e salvação, junto ao nucleo principal do regimento. Este entrou em ordem e foi postar-se em linha, por detraz de um pequeno muro de pedra solta, esperando novo ataque, que não podia demorar-se muito.

Com effeito, um esquadrão frances, conseguindo galgar a encosta appareceu de repente na crista do planalto, e atravessando este a galópe de carga, ousou avançar até rente do muro, preparando-se para atacar a infantaria inglesa a tiro de pistóla. Uma descarga desta, á queima roupa, prostou no chão, sem vida, quasi o esquadrão inteiro. O obuz, quasi á beira da crista por onde os franceses entravam, desenhava-se do nosso lado, no azul fronteiro, como um

magnifico alvo. Apontadas as armas sobre ele, era homem morto todo aquele que se lhe aproximava.

Fizeram-se ali prodigios de audácia, dignos de melhor recompensa; em torno da boca de fogo, tão vivamente disputada, ficou um montão de cadáveres.

Chegaram, no entretanto, em auxilio dos ingleses e entraram em acção, rompendo logo fogo, duas peças de artilharia. Apoiando-se nelas, os batalhões do cincoenta e dois carregaram com violencia o flanco da infantaria francesa, ultimamente apparecida e mais uma vez limpam o planalto das forças inimigas. Mas novos esquadrões de cavalaria avançam, como já anteriormente succedera, sobre a infantaria perseguidora, e conseguem lançar desordem nos atiradores, caindo sobre eles com extraordinario vigor. No entanto, a infantaria ao principio desordenada, acaba por recompor-se e repele os esquadrões. Reynier convence-se por fim, de que procedera inhabilmente, trazendo as suas tropas a combate por pequenas fracções, e resolve-se porem um pouco tarde, a por em movimento simultaneo todas as forças que tivéra até ali em reserva, e que, entre infantaria, cavalaria e artilharia, não devem subir a menos de seis mil homens.

Assim faz, e o começo do movimento mostra-o resolvido a ocupar sem transigencia a disputada altura, depois de ter flanqueado a divisão inimiga, que lhe ficava á esquerda.

Era, porem, tarde, dissemos. A quinta divisão dos aliados acabava de forçar a ponte do Sabugal; a cavalaria assomava coroando os outeiros que ficavam por detraz da esquerda francesa, e o general Coluilli, apparecendo, de repente, com uma brigada da terceira divisão, á saída dos pinhais¹ sobre que Reynier apoiava a direita, rompe vivamente o fogo contra esse flanco, e decide em poucos momentos o destino das armas, nesse combate memoravel».

.....

Neste combate tomaram parte caçadores 1, 3 e 9, 15 e 21 de infantaria.

Morreram perto de 200 homens e em tórno dos obuzes 300 franceses e mais de 1:200 feridos. As igrejas e capelas do Sabugal converteram-se em hospitais de sangue e foram abertas numerosas valas para enterramentos.

De quando em quando apparecem ainda moedas de ouro, de Luís XVI, e outros objectos no campo do combate.

¹ Deviam ser matas de carvalhos ali chamadas carvalheiras, porque pinhais não havia então ali.

Depois disto soldado estropiado que se atrasasse, era morto e no Sabugal muitos franceses foram vítimas do ódio popular, que eles provocaram; mas morriam gritando «Vive Napoléon». Na cavidade de um castanheiro secular, um lanceiro português meteu a traseira do cavalo, é tradição, defendendo-se contra cinco franceses, matando três e sendo depois morto pelos dois, que lhe ordenavam que se rendesse, ao que ele respondia, «o soldado português morre, mas não se rende».

Por largos anos hão-de os castanheiros atestar a existência dos heróicos feitos no campo do Gravato, ainda semeado de balas, que o arado e as enxadas descobrem, mas não nos consta que ali tenha sido colocado um singelo obelisco comemorativo¹.

Caldas da Rainha, 5-XII-1932.

JOAQUIM MANUEL CORREIA.

Arquivo da Arqueologia Portuguesa

Com este título se inicia hoje a publicação de notícias dispersas colhidas na Imprensa com interesse para a Arqueologia, Numismática ou Epigrafia ou para a História destas sciências.

1.—Dois decretos

Cunhagem de moedas de 1\$, 50c, 20c, 10c e 5c

A lei n.º 1:424, de 15 de Maio de 1923, deu ao Poder Executivo várias autorizações, entre as quais avultam as que se destinavam a criar recursos de diversa proveniência para habilitar a Tesouraria do Estado a efectuar os seus pagamentos.

Assim, foi o Poder Executivo autorizado a realizar um empréstimo consolidado de 6½ por cento, liberado em esterlino, de um nominal de £ 4.000:000, empréstimo que se efectuou, como é do domínio público.

¹ No artigo anterior (vol. XXVII) escaparam à revisão a p. 204 «Morato», em vez de «Marôto», e a pp. 208 l. 10, e 210 l. 20, duas gralhas — uma de uma vírgula por um ponto e de um «s» por um «S», e de portação por «deputação».